Intervenção do Sr. Vice-Presidente do ICP-ANACOM na cerimónia de abertura do 2º Fórum Lusófono das telecomunicações – 14 de Abril de 2011

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Fernando Seara

Senhor Director de Desenvolvimento de Telecomunicações da UIT, Senhor Eng. Brahima Sanou

Senhor Presidente da CPLP, Senhor Eng. Domingos Simões Pereira

Senhor Presidente da ARCTEL, Embaixador Ronaldo Sardenberg

Minhas Senhoras e Meus Senhores

*1.*Na qualidade de membro da ARCTEL que acolhe a nossa Assembleia e este Fórum Lusófono para as Telecomunicações, é meu privilégio poder saudar-vos em nome da ANACOM e desejar-vos as boas vindas.

Este Fórum constitui um momento de partilha de experiências e de pontos de vista e uma oportunidade para reflectirmos estrategicamente sobre a mais valia que o espaço lusófono pode trazer a cada um de nós, no contexto das nossas realidades nacionais e no quadro das relações internacionais onde somos igualmente parceiros.

Olhar para os caminhos da regulação que estão a ser seguidos regionalmente, num mundo ferido com os excessos de desregulação financeira e as lacunas dela a nível global; perceber qual o papel que as organizações empresariais têm desempenhado no conformar dos modelos de negócio e na defesa dos interesses da sã concorrência e dos consumidores, em prol da acessibilidade e da qualidade; avaliar de que modo as nossas organizações se podem assumir como sujeitos activos de parcerias para o desenvolvimento, eis a ambiciosa agenda com que somos interpelados estes dois dias.

Fazêmo-lo nesta magnífica terra de Sintra, cuja hospitalidade o Senhor Presidente da Câmara fez questão de sublinhar com a deferência da sua presença, que queremos agradecer e que honra a Associação. O Senhor Presidente é, aliás, nosso aliado no processo de transição da televisão analógica para a digital (o Cacém é zona piloto) – no que tem sido de inexcedível colaboração, mas, sobretudo, é um autarca daqueles que prestigia o poder local, com a generosidade da sua entrega cívica, a capacidade de

visão e de fazer, e a personalidade irreverente (e benfiquista) que os portugueses admiram. Muito obrigado por estar connosco.

Uma palavra muito especial também para o Senhor Brahima Sanou, Ilustre Director de Desenvolvimento da UIT. A sua presença neste Forum é reconfortante e creio que é um sinal de como a UIT valoriza o papel que a ARCTEL tem vindo a desempenhar no espaço CPLP, para além de um conjunto de projectos em que Portugal se tem notabilizado - designadamente o "e-escolas" e o Centro de Excelência – de tão promissoras e auspiciosas consequências educacionais. Desejamos-lhe as maiores felicidades no desempenho de tão estratégico cargo no seio da UIT.

O Senhor Presidente da CPLP, Eng. Simões Pereira está igualmente connosco e muito nos honra. Na verdade, bem vistas as coisas, num certo sentido, a regulação política das comunicações em língua portuguesa, por onde passa a economia e a cultura, está mesmo no cerne da CPLP e é gratificante verificar que o seu Presidente nos identifica como sujeitos activos desse espaço que importa substanciar.

Ao Senhor Embaixador Ronaldo Sardenberg, eu quero agradecer a forma distinta, realista e eficaz, como tem presidido aos destinos da ARCTEL e testemunhar-lhe, publicamente, o quão pessoalmente enriquecedor tem sido poder partilhar do seu convívio.

Muito Obrigado a todos pela V. presença, agradecimento que é extensível a todos os palestrantes e moderadores que vão tornar este Forum uma realidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

2.Portugal está a atravessar uma fase de ajustamento internacionalmente escrutinada. Não vos vou maçar com as nossas discussões domésticas sobre imputação de responsabilidades. Ao longo da História, as nossas vulnerabilidades e crises, nem sempre se traduziram em recessos civilizacionais e, pelo contrário, puderam ser profícuas e gerar novos mundos: emigramos, povoámos, miscigenámo-nos

culturalmente, e, quando arriscámos, descobrimos e inovámos, fomos mesmo potência mundial com a Espanha. Hoje temos orgulho nos nossos irmãos. E permitam-me que resuma esse sentimento que nos irmana na ARCTEL e na CPLP, no símbolo Lula da Silva, recente "honoris causa" pela minha Universidade de Coimbra: ele honra a causa universal dos povos que se vão libertando e, no seu planalto, representa um planalto de esperança para favelados e crioulos e sotaques urbanos vários, tristemente supranumerários da História, tantas vezes reféns de quimeras e demagogos e em si mesmo agrilhoados.

3.Nas telecomunicações Portugal continua a partir à descoberta. Vou abrir um pouco o apetite para o Fórum.

As redes de nova geração continuam na ordem do dia, agora com o picante das anunciadas virtualidades da LTE. Mas as redes de nova geração não podem deixar de fora da rede, parte desta geração. Não podíamos ter os centros urbanos da costa litoral com Banda Larga e muito Larga – de 100 Mega e mais,- agora sim, auto-estradas da informação - e deixar o interior do País, discriminado de novo, abandonado aos caminhos de cabras dos 256 k, de uma internet estreita e lenta do século passado, quando não, à ausência total dela.

Portugal apostou, pois na instalação de Redes de Nova Geração nas zonas Rurais. Porque onde não houver Banda Larga, haverá menos empresas e menos emprego. Onde a Banda Larga não chegar, haverá menos informação. Se Banda Larga não houver, a comunidade perderá o tempo do futuro.

Foram assim lançados em 2009 e concluídos em 2010, cinco concursos. Abrangeram cento e trinta e nove municípios, onde não existe concorrência a nível retalhista, agrupados em cinco zonas: Norte, Centro, Alentejo e Algarve, Açores e Madeira[1],

[1] Releve-se que em cada uma destas zonas, os concelhos abrangidos são aqueles sem concorrência (e.g. não têm rede em cabo coaxial nem operadores co-instalados) e todas as freguesias que os integram são classificadas como rurais pelo FEADER (esta última condição é aplicável apenas ao continente, devido à inexistência de classificação para as regiões autónomas).

representando 11,6% da população residente, 14,6 dos alojamentos familiares e 42,7% do território nacional.

Tratou-se de uma iniciativa verdadeiramente pioneira a nível mundial, com um âmbito nacional integrado e com débitos mínimos de 40 Mbps por utilizador final, o que compara com a generalidade da Europa, que ainda está nos 2 Mbps.

Os concorrentes vencedores – se as recentes vicissitudes da economia não trouxerem surpresas - irão realizar um investimento global de 182, 5 milhões de euros, beneficiando de subsidiação pública de 106,2 milhões de euros.

4.São estas redes novas, fixas e móveis, com capacidade de débito nos dois sentidos cada vez mais ambiciosas, que vão marcar a geração que banalizará os serviços de tele-medicina, tele-presença, segurança doméstica, domótica, comércio electrónico, e-governo , serviços de justiça, os jogos *on-line*, o vídeo pela Internet e as redes sociais com partilha de conteúdos entre utilizadores (e.g. *facebook*).

A emergência da LTE vai trazer a banda, não apenas larga, mas muito larga para o móvel[2], cuja disponibilização de espectro, através de leilão está em curso. No Portugal que somos, com uma taxa de penetração de telemóveis superior a 150%, muito vai passar pelo uso do móvel e dos "smartphones" em particular, com 100 Mega de capacidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Estamos em crise, mas nas telecomunicações temos um processo venturoso de que Portugal se pode orgulhar. Costuma dizer-se que o século XIX foi marcado pela revolução dos transportes e o século XX pela da energia. O nosso século XXI está a ser revolucionado pela informação e pela rede global, que nos irmana sem latitudes e nos faz partilhar as angústias e os sucessos civilizacionais, sem longitudes.

Na Praça Tahrir, estamos todos com o Google earth. O Tsunami chega em directo, perante a nossa impotência. Mas se agora nos podemos amotinar por sms e pelo

[2] *Long Term Evolution*.

“facebook”, e se é verdade que a internet está a revolucionar a nossa forma de vida, também é certo que não basta desligar a internet para parar uma revolução. Como ainda agora se viu. Os nóveis suportes comunicacionais mudam a vida, mas não resolvem por si só as desigualdades. A falta deles, porém, pode agravá-las. É por isso que as redes rurais e o e-escolas fazem sentido: para não cavar mais o fosso das assimetrias regionais e sociais.

Nestes madraços dias de turbulência dos mercados e de ajustamentos estruturais da nossa economia, inevitáveis, mas muito concentrados no tempo, com desintegração social potenciada e vulnerabilidades acrescidas, não basta estar “ligado à net” é preciso que saibamos trabalhar em rede, para construir uma comunidade mais coesa. Na nossa circunstância, é isso que procuramos fazer na ARCTEL e com este segundo fórum lusófono.

Desejo os maiores sucessos a este Fórum.

Alberto Souto de Miranda